



GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

ISSN 2177-3688

COMUNIDADE SELVAGEM E SUAS PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO CULTURAL E DE INFORMAÇÃO

COMUNIDADE SELVAGEM AND ITS CULTURAL AND INFORMATION MEDIATION PRACTICES

Nathália Lima Romeiro - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Bruno Almeida dos Santos – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Franciéle Carneiro Garcês da Silva – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O estudo tem como objetivo apresentar as práticas de mediação cultural e de informação desenvolvidas pela Comunidade Selvagem, formada por uma equipe de voluntários que busca compartilhar as conversas mediadas por Ailton Krenak, bate-papos entre autoras e autores indígenas, ciclos de leituras, produção de cadernos e audiovisuais sobre a cultura dos povos tradicionais brasileiros. A pesquisa é qualitativa, de caráter exploratório e descritivo na qual foi realizado um mapeamento das práticas de mediação cultural da informação desenvolvidas pela Comunidade Selvagem entre maio e julho de 2023. Os resultados expõem que a Comunidade Selvagem desenvolve diversas atividades ligadas as práticas de mediação cultural denominadas como ação e fabricação cultural. Por meio dessas atividades acontecem a difusão e apropriação de informações, da arte e da cultura indígena brasileira. Ações que possibilitam o despertar de consciência e ampliação dos saberes indígenas.

Palavras-chave: comunidade selvagem; práticas de mediação cultural e de informação; saberes indígenas.

Abstract: The study aims to present the practices of cultural and information mediation developed by Comunidade Selvagem, a small team of volunteers that seeks to share conversations mediated by Ailton Krenak, chats between authors and authors, cycles of readings, production of notebooks and audiovisuals related to the culture of traditional Brazilian peoples. The research is qualitative, exploratory and descriptive in nature, in which a mapping of the cultural and information mediation practices developed by the Comunidade Selvagem between May and July 2023 was carried out. of cultural mediation denominated as cultural action and cultural fabrication. It is through these activities that the dissemination and appropriation of information and art related to Brazilian indigenous culture takes place, which often promotes the awakening of humanity's awareness of indigenous knowledge.

Keywords: Comunidade Selvagem; Cultural Mediation and Information Practices; Indigenous knowledge.

1 INTRODUÇÃO

A oralidade enquanto expressão comunicativa ocupa um lugar central no tempo e espaço marcando diversas sociedades que focaram os seus conhecimentos e o

desenvolvimento das suas experiências através da fala. Foi por meio dessa expressão comunicativa que a cultura e a memória social ancestral de muitos povos não foram extintas, como os saberes indígenas brasileiros que têm como uma das suas fontes de informação os sujeitos participantes de sua comunidade, responsáveis por transmitir a sabedoria de seu povo entre diferentes gerações (THOMPSON, 1992, BARBOSA; MEZACASA; FAGUNDES, 2018).

Sabedoria essa que tem maiores possibilidades de serem preservadas através de tecnologias de informação e comunicação, como as tecnologias audiovisuais, pois estas facilitaram os registros da oralidade para e o compartilhamento dos conhecimentos registrados. Assim, o material audiovisual é um recurso que viabiliza não somente o registro, mas também é através dele que se minimiza a perda semiótica da expressão cultural e filosófica indígena, tornando este material um documento. Baseado nisso, este estudo tem como objetivo apresentar as práticas de mediação cultural e de informação desenvolvidas pela Comunidade Selvagem, uma pequena equipe de voluntários que busca compartilhar as conversas mediadas por Ailton Krenak, bate-papos entre autoras e autores indígenas e não indígenas, a realização de ciclos de leituras, produção de cadernos e materiais audiovisuais relacionados a cultura dos povos indígenas brasileiros.

O desenvolvimento de estudos sobre as práticas de mediação cultural e de informação da Comunidade Selvagem contribuem para o despertar de consciência a ampliação dos conhecimentos sobre os saberes dos povos tradicionais. Assim como contribui para a reparação da dívida histórica que o Estado brasileiro tem com seus povos originários ao oferecer uma estratégia decolonial de circulação dos saberes indígenas, sendo, portanto, uma estratégia para promoção da justiça social.

Além da introdução, a pesquisa conta com mais cinco seções. Na segunda seção apresentamos uma reflexão sobre colonialidade, dependência epistêmica e justiça social sobre saberes indígenas brasileiros. Na terceira seção elucidamos as práticas de mediação cultural e de informação. Na quarta seção descrevemos os procedimentos metodológicos para realização do estudo. A quinta seção são apresentados os resultados que se trata da descrição das práticas de mediação cultural e de informação da Comunidade Selvagem como estratégia de promoção da justiça social. Por fim, a última seção apresenta as reflexões e considerações finais da pesquisa.

2 UMA REFLEXÃO SOBRE COLONIALIDADE, DEPENDÊNCIA EPISTÊMICA E JUSTIÇA SOCIAL SOBRE SABERES INDÍGENAS BRASILEIROS

Antes de nos aprofundarmos sobre os conceitos que serão discutidos nesta seção, propomos uma readequação da narrativa histórica em dois aspectos: o primeiro é que a ciência não é essencialmente justa e para discuti-la com intuito de promover justiça social é necessário que se compreenda as relações de poder envolvidas no processo de produção e disseminação, seja qual for o tempo e espaço em que determinada pesquisa tenha sido produzida (LORDE, 2020; MATHIESSEN, 2015). O segundo aspecto é que a orientação do mundo tal como a modernidade nos apresenta precisa ser renomeada a partir do entendimento de que a colonização foi uma estratégia perversa para invenção, disputa e apropriação do “novo” mundo ocidental.

Uma injustiça histórica registrada cientificamente pode ser percebida pela marcação do dia 22 de abril dentro do calendário brasileiro como o dia de uma desbravadora descoberta. Não se trata de uma referência heroica, mas, sim, da invasão e colonização do território e dos povos que aqui viviam através de um longo processo de exploração territorial e de recursos naturais pelos invasores, também chamados de bandeirantes. Foi a partir da primeira tentativa de globalização que as grandes navegações e expansões marítimas marcaram a ruptura com a Idade Média e deu início ao que foi chamado de *Modernidade*. Tal modernidade pode ser interpretada como o período em que se expandiu a colonização nas Américas (Abya Yala), África (Alkebulan) e Ásia, encomendada por sociedades europeias em crise com o “novo” e em ascensão no sistema econômico capitalista. Walter Mignolo (2017) nos ajuda a compreender tal afirmação ao explicar que a Modernidade emergiu como a colonização do tempo e do espaço e que estes referentes foram inventados, no tempo pela Idade Média (período renascentista) e no espaço através da expansão marítima e colonização do que os europeus nomearam como novo mundo. Segundo o autor, “a América não era uma entidade existente para ser descoberta. Foi inventada, mapeada, apropriada e explorada sob a bandeira da missão cristã” (MIGNOLO, 2017, p. 4).

Mignolo (2017) complementa que a partir da expansão marítima uma nova orientação econômica global começou a se desenvolver, formando “[...] um mundo policêntrico e interconectado pelo mesmo tipo de economia [...]” (MIGNOLO, 2017, p. 4) capitalista. Ainda que no início não houvesse total ideia do que poderia ser feito no território invadido, não

havia pretensão de ser algo a beneficiar os povos originários. Ailton Krenak corrobora esse pensamento ironizando o egocentrismo europeu durante a colonização ao inferir que “[a] ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível.” (KRENAK, 2019, p. 11).

No Brasil, a invasão foi realizada sob tamanha violência que até hoje é possível perceber a herança da exploração colonial na formação básica, como ocorre na divulgação da falsa ideia difundida em livros didáticos de que o Brasil foi descoberto e não invadido (ISAAC; RODRIGUES, 2017). Bittar e Ferreira Júnior (2017, p. 16) complementam essa narrativa ao explicar que a "colonização e catequese são dois processos históricos que não se separam e foi nesse processo que as primeiras práticas escolares nasceram no Brasil [...]”. Além disso, a catequização e aculturação dos povos originários foi agenciada através da reprodução da tradição literária, das leis, moral e costumes de Portugal, promovendo um apagamento da cultura local, o que impactou essencialmente a cultura epistêmica brasileira ao formar uma comunidade intelectual desconectada da intelectualidade dos povos indígenas. Ailton Krenak reflete sobre esse processo com base na sua trajetória no seguinte trecho:

Quando aceitei aprender a ler e escrever, encarei a alfabetização como quem compra um peixe que tem espinha. Tirei as espinhas e escolhi o que eu queria. Acho que a maioria das crianças que vão hoje para a escola e que são alfabetizadas é obrigada a engolir o peixe com espinha e tudo. É uma formação que não atende à expectativa delas como seres humanos e que violenta sua memória. Na nossa tradição, um menino bebe o conhecimento do seu povo nas práticas de convivência, nos cantos, nas narrativas. Os cantos narram a criação do mundo, sua fundação e seus eventos (COHN, 2005, p. 86).

Com o intuito de apresentar uma contra narrativa à hegemonia eurocentrada, Aníbal Quijano (2010) propõe uma reinterpretação das sociedades ao fundamentar uma teoria social capaz de explicar os processos de violência experienciados na constituição territorial das américas, através de uma classificação étnico-racial da população denominada colonialidade do ser, saber e poder. Esta mentalidade de classificação social foi gradualmente penetrada na cultura recorrendo a meios cruéis como estratégias que tinham o intuito de firmar pactos civilizatórios disfarçados de progresso econômico através da catequização, da formação escolar, da imposição do matrimônio, da monogamia e da herança (LONGHINI, 2022).

É possível perceber colonialidade operada no campo do saber na priorização do conhecimento produzido por pessoas pertencentes um grupo específico - majoritariamente branco. Grupo que por meios perversos privilegia e sedimenta teorias com intenção de explicar o mundo sob um único ponto de vista, criando, dessa forma, dinâmicas de dependência para reforçar o privilégio europeu na esfera intelectual (SILVA, 2020). Essa relação de dependência pode ser exemplificada se compararmos os saberes produzidos por pesquisadores europeus nos currículos universitários de diferentes campos do saber com os produzidos por sujeitos não-brancos que tenham sobrevivido aos efeitos da colonização.

Silva (2020) denuncia o racismo epistêmico nas estruturas de conhecimento ao atribuir às pessoas brancas a responsabilidade por essa dinâmica pelo fato de não renunciarem a seus privilégios - caracterizado pelo fenômeno da branquitude - e assim reconfigurar o *status quo*. A autora evidencia os efeitos da colonização no roubo de riquezas naturais e materiais dos territórios colonizados, no atroz processo de escravização de pessoas indígenas e negras, e no apagamento das epistemes oriundas de povos não-brancos, impondo uma explicação sobre o mundo propositalmente universalizada e excludente.

Uma das formas de resistência a isso se estabeleceu no âmbito acadêmico através dos estudos decoloniais, pois estes se propõem a “dissolver estruturas de dominação e exploração que constituem a colonialidade[...]” (SILVA, 2020, p. 123). Natalia Duque Cardona (2020) complementa essa ideia ao criticar o cartesianismo da ciência moderna reforçando a importância da contextualização intercultural na formação acadêmica. Com isso, fica cada vez mais palpável a promoção da justiça epistêmica aos saberes negligenciados, como foi o caso das populações negras e indígenas na história brasileira.

Com o intuito de ampliar a crítica sobre a colonialidade, destacamos que, apesar de ter desenvolvido uma vasta argumentação sobre a temática na dimensão da raça, a teoria de Quijano não reflete os efeitos da colonialidade de gênero no debate. Consideramos essa uma fragilidade na obra do autor posto que as relações de gênero, sobretudo por meio da exploração de mulheres para fins de procriação e o extermínio de pessoas dissidentes da heteronormatividade foram tecnologias utilizadas para colonizar o território conforme explicaram María Lugones (2020), Rita Segato (2021) e Geni Lonhini (2022). Nessa direção, Lugones problematiza a construção social dos gêneros binários como fixos e produtores de significados excludentes da diversidade de gêneros. A autora destaca que a colonização foi fundamentalmente violenta para mulheres, sobretudo na imposição da obediência a quem

detinha seu pátrio poder (pai, marido, ou representante homem mais velho da família) na qual a “vocalização” para a maternidade e a submissão das mulheres foi naturalizada.

Além disso, Lugones explica que na conjuntura colonialismo-patriarcado, as mulheres não disputam o controle do acesso ao sexo. Assim, as diferenças entre gêneros foram “[...] pensadas nos mesmos termos em que a sociedade entende a biologia reprodutiva [...]” (LUGONES, 2020, p. 69), discussão fundamental para compreender não só a opressão das mulheres como a violência contra a população LGBTQIAP+ que essencialmente disside do viés biológico reprodutivo no sistema colonial moderno. Em complemento a isso, Rita Segato (2021) discute os impactos da colonialidade no Brasil de maneira multidimensional contemplando as categorias: epistêmica, de gênero e sexualidade, relações étnico-raciais (pretos, indígenas e mestiços), na mídia, na moral cristã e no cárcere ao considerar a colonialidade como uma perturbação e patologia caracterizando com isso o “olhar pornográfico do colonizador”. Segato define esse olhar específico como aquele que contamina as relações sociais por inserir nas populações indígenas a moral civilizatória europeia. A autora reforça essa crítica ao apresentar o feminicídio como uma barbárie influenciada pelo sistema colonial moderno.

É inegável a necessidade de ampliação do debate a respeito da cultura e pensamento indígena. Uma das estratégias para extinguir o preconceito e preservar os saberes das populações indígenas brasileiras é oferecer, em perspectiva reparadora, a justiça social ao que antes fora negligenciado. Sabemos que é irreparável o genocídio ao qual as populações indígenas foram submetidas, entretanto, é possível preservar a cultura e o conhecimento registrado, assim como também é possível ampliar a rede de colaboração e proteção dos povos indígenas brasileiros, tal como se propõe a Comunidade Selvagem com suas práticas de mediação cultural e de informação, temática a ser desenvolvida na próxima seção.

3 PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO CULTURAL E DE INFORMAÇÃO

A **mediação cultural** na visão de Davallon (2007), busca despertar a consciência pública sobre as obras de arte e sua ação consiste em criar uma interface entre esses dois universos díspares, com o objetivo de aproximá-los, dessa forma, as práticas culturais pertencem à mediação cultural. Coelho (1997) complementa ao explicar que a mediação cultural é um processo de outra natureza cujo objetivo é promover uma aproximação entre o que é individual e/ou coletivo em obras culturais e artísticas. O objetivo dessa abordagem é

promover a compreensão da obra, suas sensibilidades e conhecimentos por meio dos quais quem aprecia (público) se desenvolve formando diferentes públicos culturais.

As atividades de mediação cultural, incluem oficinas culturais de mentoria, supervisão de exposições de arte, animações culturais, entre outras, são ações em que acontecem a circulação da informação. Estas atividades são geralmente desenvolvidas por profissionais da Museologia, curadores/as de arte, pessoas bibliotecárias, arquivistas, educadoras, guias de turismo entre outras profissões que atuam nos centros culturais e unidades de informação. Os diferentes níveis em que essas atividades podem se desenvolver caracterizam diferentes modos de mediação cultural, como ação cultural, animação cultural e fabricação cultural (COELHO, 1997). Corroborando a isso, Silva e Santos Neto (2017) chamam esses modos de mediação cultural de **práticas culturais** e afirmam que elas são importantes para os espaços informacionais e de cultura, pois preservam a informação e o conhecimento que permeiam a sociedade e criando diferentes sentidos para as pessoas.

Destacamos que a mediação cultural está diretamente relacionada com a **mediação da informação**, pois nela também acontece o que Almeida Júnior (2008) chama de ação de interferência, na qual uma pessoa ou grupos de pessoas se apropriam da informação compartilhada por um agente cultural de forma a satisfazer a sua necessidade de informação.

Rasteli e Cavalcante (2014) argumentam que a pessoa que passa pelo processo de mediação deixa de ser apenas um decodificador de conteúdo e passa a ser um produtor de sentido, tanto cultural como artístico, é quando ocorre a apropriação cultural da informação, pois a “[...] mediação cultural, por meio de suas práticas é tida como um processo que torna possível o acesso, o encontro e a apropriação da cultura.” (SILVA, 2016, p. 391). Com base nisso, dividimos as práticas de mediação cultural, com base nas autorias estudadas em três categorias: **ação cultural**, **fabricação cultural** e **animação cultural**.

A **ação cultural**, conforme explicado por Coelho (1997, p. 32) é “[...] o processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura”. Nesse processo, os agentes assumem a função de criadores, escolhendo de forma independente as técnicas utilizadas na criação de determinada produção cultural, de modo que as pessoas participantes assumem o papel de protagonistas no processo criativo (CABRAL, 1999).

Antecessor de Coelho (1997), Flusser (1982) elucida que a ação cultural é uma reformulação de ideias, pensamentos e objetivos culturais, que posiciona a cultura como um

processo pertencente a todas as pessoas rompendo a preposição desta ser simplesmente tida como uma herança recebida passivamente, sem que haja críticas ou renovação de conhecimento. Silva e Santos Neto corroboram essa ideia ao exporem que Flusser refere-se à ação cultural “como uma estratégia de reformular pensamentos, mudar as ideias e, para isso, também coloca em evidência o protagonismo do sujeito.” (SILVA; SANTOS NETO, 2017, p. 33). Neste sentido, focar nas pessoas, grupos ou comunidades como protagonistas da cultura é um objetivo primordial da ação cultural.

A segunda categoria, chamada de **fabricação cultural** é um processo de mediação cultural no qual se tem um propósito segmentado por um início, um estágio intermediário, um ponto final (COELHO, 1997) nos quais a finalidade está na disseminação de conhecimentos e técnicas, na formação de perspectivas culturais específicas, na formação de padrões perceptivos ou na produção de obras culturais previamente prescritas. Nesse processo, os objetivos são pré-determinados e cabe ao agente cultural ou mediador direcionar seu público em uma determinada direção. Dessa forma, opõe-se à ação cultural, um processo de invenção e co-construção de fins e meios culturais pretendidos entre mediadores e o público, muitas vezes definidos apenas no próprio processo. Silva e Santos Neto (2017, p. 34) afirmam que “Enquanto a ação cultural valoriza e reconhece o sujeito como protagonista desta prática, dando liberdade e autonomia a ele; a fabricação, por sua vez, afina seu foco na produção da obra de arte”, por isso, a finalidade da fabricação cultural é a produção da obra de arte.

Por fim, a terceira prática de mediação cultural é a **animação cultural** que se trata de uma das ferramentas básicas de organização e promoção do lazer. Tal ferramenta não é entendida como uma simples ocupação do tempo, mas sim como o uso educativo do tempo livre. A animação cultural inclui atividades que introduzem a arte ao público enquanto espectadores, bem como integra práticas culturais e artísticas realizadas por pessoas amadoras. Nessas atividades estão incluídos programas como passeios turísticos, sessões de dança e atividades esportivas. Para além do uso do tempo livre, a animação cultural procura simultaneamente inspirar relações de convívio direto (sem profundas discussões políticas) entre membros de um mesmo grupo ou categoria, enquanto trabalhadores ou como componentes específicos de uma atividade ou de outro conectivo (COELHO, 1997).

A partir dos referentes estudados nessa seção em diálogo com os discutidos na seção anterior analisaremos as práticas de mediação cultural e da informação promovidas pela Comunidade Selvagem como estratégia de promoção da justiça social.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, que visa a análise das práticas de mediação cultural desenvolvidas pela Comunidade Selvagem. O estudo evidencia a importância do site desenvolvido pela Comunidade Selvagem como espaço de informação, promoção de justiça social e de preservação da oralidade de Ailton Krenak e outros pensadores e pensadoras indígenas do Brasil.

Enquanto procedimento metodológico, foi realizado o mapeamento das práticas de mediação cultural feitas pela Comunidade Selvagem entre os meses de maio e junho de 2023. A partir desse mapeamento foram descritas e analisadas as práticas de mediação cultural relacionadas as atividades culturais realizadas pela Comunidade Selvagem, visibilizando assim as diferentes frentes de atuação deste grupo.

5 PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO CULTURAL E DE INFORMAÇÃO DA COMUNIDADE SELVAGEM COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA JUSTIÇA SOCIAL

A Comunidade Selvagem é um ciclo de estudos realizado através de um *site* que tem como objetivo compartilhar os saberes indígenas produzidos de forma ampla e gratuita. Seus estudos tiveram início a partir das conversas mediadas por Ailton Krenak, um importante líder indígena, ambientalista, filósofo, pensador e escritor brasileiro. Neste site encontramos bate-papos entre autoras e autores indígenas e não indígenas, realização de ciclos de leituras, produção de cadernos, materiais audiovisuais, entre outras produções. A comunidade foi inaugurada em janeiro de 2021, integra 13 países e conta com a colaboração de cerca de 334 pessoas voluntárias distribuídas em cinco grupos ativos que são: Comunicações, Preparação de Textos [Traduções e Transcrições], Biblioteca Ailton Krenak (catálogo audiovisual), Comunicações e Crianças (conteúdo infanto-juvenil) (COMUNIDADE SELVAGEM, 2022).

De acordo com o relatório de 2022 da Comunidade Selvagem, o site do ciclo tem mais de 7 mil pessoas inscritas para receber informações. Durante os mais de dois anos de existência da comunidade foi realizada a produção de Cadernos Selvagem, transcrições de Conversas legendadas, e lançadas as Flechas (uma série em sete episódios que projeta o as ações da Comunidade Selvagem para a linguagem audiovisual) em pelo menos nove cidades do Brasil e no mundo. Essa coletânea de criações é inspirada no Ciclo Selvagem e que é nutrida pelo grupo de Comunicações a partir do acervo das falas online de Ailton Krenak organizado

pelo grupo Biblioteca do Ailton e pelo trabalho realizado com o grupo de Crianças para o desenvolvimento de materiais pedagógicos.

Figura 1 – Atividades realizadas pela Comunidade Selvagem



Fonte: Comunidade Selvagem¹ (2023).

Cada uma das imagens representadas na figura 1 indica um determinado tipo de conteúdo promovido pela comunidade selvagem, correspondendo ao ciclo selvagem, como chamam as pessoas idealizadoras. O ciclo dos sonhos se trata de um grupo de estudos sobre sonhos na perspectiva filosófica indígena brasileira. O ciclo regenerantes de Gaia tem como objetivo refletir sobre o cuidado com o planeta Gaia (Planeta Terra). De acordo com a descrição da página esse ciclo é direcionado à quem deseja abrir uma janela “nesta matriz chamada de humanidade e pesquisar formas de se tornar regenerante de Gaia” (COMUNIDADE SELVAGEM, 2022, não paginado).

O ciclo mulheres plantas e curas têm o propósito de refletir sobre a mulheridade e sua relação entre as plantas e a cura. É um espaço onde aprender, dialogar e compartilhar saberes entre mulheres é fundamental para estabelecer conexões entre elas e para além das

¹ Disponível em: <https://selvagemciclo.com.br/> Acesso em: 30 jun. 2023.

comunidades, o que torna, sobremaneira, este espaço um espaço de reflexão sobre colonialidade e gênero, tal como nos apresentou Lugones (2020) e Segato (2021).

O ciclo de memórias ancestrais tem como propósito principal o compartilhamento de saberes e tradições das comunidades, tornando seus saberes visíveis e rompendo com a dependência epistêmica, conforme explicado por Silva (2020). Os diálogos que ocorrem a partir dessa atividade proporcionam uma formação continuada para o público.

No ícone cadernos foram encontradas todas as publicações bibliográficas do acervo em três idiomas (português, inglês e francês), o que potencializa a visibilidade dessas produções. Nessa seção encontramos publicações de diversas autoras e autores indígenas. Com isso, o que começou com o propósito de reunir a produção de um único líder se ampliou e hoje visibiliza outras personalidades da literatura e filosofia indígena brasileira. A seção feche os olhos e veja que ainda está em elaboração, apresenta conteúdos em áudio a serem disponibilizados na plataforma *Spotify*.

Flecha selvagem corresponde a uma série de histórias indígenas promovidas pela comunidade selvagem e disponibilizadas no *Youtube*. A proposta da divulgação deste conteúdo é ampliar as formas de conexão a partir da literatura e oralidade indígena. De acordo com a descrição da página “a Flecha abre caminho para que sejam feitas novas perguntas”, é destinada ao público geral e é “um convite para que escolas, universidades, pontos de cultura e projetos comunitários de educação acessem narrativas mais pluriversais” (COMUNIDADE SELVAGEM, 2022, não paginado).

No ícone *Youtube* somos direcionados ao canal da comunidade nesta plataforma, no qual há todas as comunicações promovidas pela comunidade selvagem. Em Nhe’ery/ guarani que significa “onde os espíritos se banham, é possível acompanhar a narrativa do líder e cineasta Carlos Papá da etnia Guarani Mbya pela mata atlântica onde foram traduzidas diversas terminologias indígenas para o português. Além disso, comunica saberes para o bem-viver e com isso reforçamos o potencial filosófico presente nessas comunicações, o que consideramos um caminho para minimizar o eurocentrismo epistêmico (QUIJANO, 2010, SILVA, 2020).


O ícone Shuba Hiwea conhecido como escola viva, versa sobre os saberes do pajé e educador acreano Dua Base a respeito da cultura Huni Kuin, incluindo histórias, medicina, música e espiritualidade. Além deste, também representam o conhecimento de comunidades específicas os ícones Apne Ixkot Hâmipak – Escola floresta Maxakali; Mbya Arandu Porã –

Ponto de cultura Guarani; Bahserikowi – medicina indígena Tukano. Ademais, ressalta-se que é possível contribuir para a manutenção das escolas vivas indígenas clicando no *link* colaborar deste site, onde são arrecadadas doações para a causa.

No ícone tripulação é descrita toda a rede de colaboradoras e colaboradores da comunidade selvagem e da Biblioteca do Ailton Krenak e o ícone comunidade indica formas de colaborar para a ampliação do acervo da biblioteca do Ailton krenak. No ícone mapa de navegação é possível consultar os relatórios das ações do grupo nos anos anteriores, trazendo, dessa forma, amplo acesso à informação e divulgação das ações para viabilização do projeto. No ícone de livros é possível comprar as obras produzidas pelo projeto. Por fim, após descrevermos a Biblioteca do Ailton Krenak, seu acervo e seu Catálogo Colaborativo, assim como a estrutura do site onde ela está localizada, ressaltamos a sua importância da iniciativa como espaço de informação sobre saberes dos povos originários, principalmente àqueles produzidos e disseminados pela oralidade. Além dessas ações, temos outras atividades culturais, que estão diretamente relacionadas as práticas de mediação cultural, como é apresentado no quadro 1.

Quadro 1 – Práticas de mediação cultural realizadas pela Comunidade Selvagem

Grupo	Descrição	Atividades Culturais	Prática de Mediação Cultural
 BIBLIOTECA DO AILTON	Uma iniciativa da Comunidade Selvagem para catalogar, organizar e facilitar o acesso às falas de Ailton Krenak	Encontros de compartilhamento de experiências, debate sobre filmes, documentários e dissertações.	Ação Cultural
 PREPARAÇÃO DE TEXTOS	Traduções, transcrições e revisões de vídeos, áudios e falas para a publicação de cadernos e preparação de legendas	Tradução de cadernos para outras línguas, criação de legendas, transcrição dos encontros e publicação de cadernos com a temática dos vegetais.	Fabricação cultural
 COMUNICAÇÕES	Compartilhamento dos movimentos coletivos do ciclo Selvagem e seus desdobramentos	Escrita de textos, coleta de textos, compartilhamento e exibição de vídeos, desenhos, cartas, mensagens, artes, imagens fotos, músicas, animações e outros.	Fabricação Cultural
	Ativações dos conteúdos Selvagem para e com crianças	Produção de atividades com foco em canções, brincadeiras, jogos, danças, entre outros	Ação Cultural

 <p>CRIANÇAS</p>		para despertar o conhecimento.	
---	--	--------------------------------	--

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Como podemos observar pelo quadro 1 várias são as atividades culturais desenvolvidas pela Comunidade Selvagem, sendo que pela pesquisa realizada só identificamos duas práticas de mediação cultural relacionadas a estas atividades, que são a ação cultural e a fabricação cultural. A não existência de atividades ligadas a prática de mediação cultural denominada animação cultural, mostra que a Comunidade Selvagem não tem interesse em desenvolver atividades com fins comerciais, pois seu foco é o trabalho artesanal com atividades culturais que possam privilegiar a produção cultural, assim como garantir as pessoas a apropriação da cultura e da informação relacionadas diretamente com os saberes dos povos indígenas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como propósito apresentar as práticas de mediação cultural desenvolvidas pela Comunidade Selvagem, grupo que compartilha a produção e os estudos relacionados as conversas mediadas por Ailton Krenak. Assim como apresenta bate-papos entre autoras e autores, ciclos de leitura, produção de cadernos e outros materiais audiovisuais, traduções e transcrições relacionados as os saberes dos povos indígenas. São materiais que nos mostram que estes povos têm suas próprias maneiras de pensar e seus próprios modos de viver, e que devemos maximizar os conhecimentos sobre biologia, filosofias, lógica, literaturas entre outros saberes.

Reiteramos que as populações indígenas brasileiras são parte da população brasileira, e, portanto, têm direitos cidadãos que devem ser respeitados. Assim como sua existência, subjetividade, tradições, vivências, suas práticas culturais, devem ser valorizadas pelo Estado brasileiro e pela sociedade, uma vez que o modo de vida desses povos nunca colocou em risco a existência de nenhum animal e nem de outros seres humanos (KRENAK, 2019; COHN, 2015).

Acreditamos que estudos como esse são fundamentais para dar visibilidade aos saberes dos povos tradicionais e refletir sobre os efeitos da colonização na produção de conhecimento. Ademais, esse tipo de estudo amplia os horizontes para a elaboração de

estratégias de compartilhamento de culturas e saberes historicamente subalternizados com vistas a alcançar a justiça social para as comunidades envolvidas. Entendemos que as práticas de mediação cultural, assim como o compartilhamento dos conteúdos aqui apresentados podem ser uma estratégia para romper a dependência epistêmica presente nos fazeres científicos e profissionais, além de ser uma estratégia para promoção justiça social em relação à intelectualidade de pessoas indígenas brasileiras.

AGRADECIMENTOS

As autorias agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela concessão de bolsa de estudos de doutoramento às pessoas autoras.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. *In*: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Gestão da informação e do conhecimento**. São Paulo: Polis; Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54.
- BARBOSA, J. M. A.; MEZACASA, R.; FAGUNDES, M. G. B. A oralidade como fonte para a escrita das Histórias Indígenas. **Tellus**, Campo Grande, MS, ano 18, n. 37, p. 121-145, set./dez., 2018.
- BITTAR, M.; FERREIRA JUNIOR, A. A pedagogia brasileira nos primeiros tempos da colonização: escolas de ler e escrever, teatro, música e ensino de artes mecânicas. **Revista IRICE**, n. 32, p. 13-38, 2017.
- CABRAL, Ana Maria Rezende. Ação cultural: possibilidades de atuação do bibliotecário. *In*: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 39-45. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998.
- CARDONA, N. D. La subordinación em la ciência ¿una consecuencia de la cohesion social? Ideas para observar la Bibliotecología e Ciencia de la Información. *In*: CARDONA, N. D.; SILVA, F. C. G. (Org.). **Epistemologias latino-americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação**: contribuições da Colômbia e do Brasil. Florianópolis: Rocha gráfica e editora, 2020.
- COELHO, J. T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- COHN, S. (ORG.). Ailton Krenak. Série Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.
- COMUNIDADE SELVAGEM. **Relatório selvagem**: atividades da Comunidade Selvagem. 2022. Disponível em: <https://selvagemciclo.com.br/comunidade/> Acesso em: 30 jun. 2023.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo. **Prisma.com**, [s.l.], n. 4, jan. 2007. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/view/645/pdf>. Acesso em: 30 jul. 2023.

FLUSSER, V. O bibliotecário animador: considerações sobre a sua formação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.2, n. 11, p. 230-236, set., 1982.

ISAAC, P. A. M.; RODRIGUES, S. F. P. Educação escolar indígena: impactos e novas formas de colonização. **Revista Cocar**, [s.l.], v. 11, n. 22, p. 60-86, 2017.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2019.

LORDE, A. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 53-83.

MATHIESEN, K. Informational Justice: A Conceptual Framework for Social Justice in Library and Information Services. **Library Trends**, [s.l.], v. 64, n. 2, 2015.

MEZACASA, R.; FAGUNDES, M. G. B. A oralidade como fonte para a escrita das Histórias Indígenas. **Tellus**, [s. l.], v. 18, n. 37, p. p. 121–145, 2018.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista brasileira de ciências sociais**, [s.l.], v. 32, 2017.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

RASTELI, A.; CAVALCANTE, L. E. Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas. **Encontros Bibli**, Florianópolis, SC, v. 19, n. 39, p. 43-58, jan./abr., 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n39p43/26577>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SEGATO, R. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SILVA, B. D. Mediação cultural e suas práticas: um estudo no sistema de bibliotecas públicas municipais de Londrina. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6, 2016, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2016, p. 388-401. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2016/secin2016/schedConf/presentation>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SILVA, B. D.; SANTOS NETO, J. A. Práticas de mediação cultural nas bibliotecas públicas municipais de Londrina/PR. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 30-43, abr/jun., 2017.

Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/32967/18819>.
Acesso em: 30 jun. 2023.

SILVA, F. C. G. Colonialidade do saber e dependência epistêmica na Biblioteconomia: reflexões necessárias. *In*: CARDONA, N. D.; SILVA, F. C. G (Orgs.). **Epistemologias latino-americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação**: contribuições da Colômbia e do Brasil. Florianópolis: Rocha gráfica e editora, 2020.

THOMPSON, P. **História oral**: a voz do passado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.